

“Aliança só depende do Governo”

Felipe Barra

O PFL vai condicionar sua permanência na aliança, até o fim do mandato do presidente Fernando Henrique Cardoso, no ano 2002, ao tratamento que receber do Governo. O alerta é do presidente do Congresso e principal cacique do PFL, senador Antonio Carlos Magalhães (foto). “Se o Governo for nos discriminar em função de outro candidato não tem porque o PFL ficar apoiando o Governo”, diz. Mesmo assim o senador baiano é cauteloso sobre

um possível rompimento do PFL com o Planalto depois das eleições municipais do próximo ano. Para ACM, o compromisso que houve durante a eleição do ano passado tem de ser mantido no Governo. “Mas isso não quer dizer que temos de concordar com tudo o que o Governo deseja fazer, até porque o PSDB também não concorda com tudo e é o partido do Presidente”, alfineta o senador, para quem Fernando Henrique conseguirá recuperar a sua popularidade.



Para lançar candidatura própria o PFL terá de deixar o Governo em algum momento. Quando isso acontecerá?

• Isso não significa que deixaremos o Governo já no ano 2000. Acho que essa separação deve acontecer em 2002. Mas a discussão sobre a possibilidade de deixar a aliança vai além. Depende do comportamento do Governo na eleição presidencial: se vamos ser tratados como aliados, ou se vamos ser tratados como adversários. Depende muito mais do Governo continuarmos na aliança do que de nós. Caso o Governo nos discrimine em função de outro candidato não tem porque ficar apoiando o Governo.

Dentro do PFL já há quem defenda um rompimento com o Planalto a partir do ano 2000, como estratégia para lançar uma

candidatura própria em 2002...

• No meu entendimento o partido não vai se afastar do presidente Fernando Henrique no ano 2000. Nós tivemos compromisso com a sua eleição, temos compromisso com o seu Governo. Isso não quer dizer que tenhamos de concordar com tudo o que o Governo deseja fazer, até porque o PSDB também não concorda com tudo e é o partido do Presidente. Não há esse propósito de deixar o Governo. Agora, é evidente que as condições de ficar no Governo são as que hoje existem do Presidente em relação ao partido, sem diferenciá-lo dos outros aliados.

O PFL cansou de ser vice?

• Não nos interessa ser vice novamente. O partido já começa a defender uma independência maior em relação à posição do Governo, tanto é verdade que 73%

dos convencionais do PFL preferem apresentar as propostas do partido para a sociedade do que formular políticas e levá-las ao Governo... Mas é bom lembrar que as políticas do partido não estão confrontando com as políticas do Governo, ainda. Pode ser que num programa de partido para a eleição fiquem diferentes.

Mas nessa mesma pesquisa feita pelo Ibep, a metade dos convencionais considerou regular a atuação do presidente Fernando Henrique na gestão da crise econômica, o que é grave já que o PFL é o principal partido da base...

• São lideranças que estão desgostosas com o tratamento nos estados. Isso demonstra um desgaste do presidente Fernando Henrique no partido.

Essa posição afirmativa do

PFL, juntamente com o debate mais crítico que está sendo levantado pelo ex-ministro Luiz Carlos Mendonça de Barros, pode provocar um desgaste entre o PFL e o PSDB?

• É o Mendonça de Barros quem está criando essa divisão. Não somos nós. Até porque isso não existia antes. No fundo é uma defesa do PFL contra o Mendonça. Isso não ajuda o Governo.

Foi divulgada uma pesquisa muito negativa, pela revista Época, em que 26% dos entrevistados disseram que o presidente Fernando Henrique é o homem que mais envergonha o Brasil na atualidade. É possível reverter um índice tão baixo de popularidade...

• é um momento, que vai ser revertido. Ele pode não ter a popularidade que já teve. Mas vai reverter muito esse quadro negativo.